

A close-up, high-contrast portrait of Prince Harry. He has light brown hair and a well-groomed, full reddish-brown beard and mustache. His eyes are a light blue-grey color. He is looking directly at the camera with a neutral expression. The lighting is soft, highlighting his facial features against a plain, light-colored background.

PRÍNCIPE HARRY

NA SOMBRA

PARA MEG, ARCHIE E LILI... E, CLARO, PARA A MINHA MÃE

O passado nunca morre. Nem sequer é passado.

WILLIAM FAULKNER

COMBINÁMOS ENCONTRAR-NOS poucas horas depois do funeral. Nos jardins de Frogmore, junto à antiga ruína gótica. Fui o primeiro a chegar.

Olhei em redor e não vi ninguém.

Olhei para o telemóvel. Nenhuma mensagem, nenhum correio de voz.

Devem estar atrasados, pensei ao encostar-me ao muro de pedra.

Guardei o telemóvel e disse para mim: tem calma.

O tempo era basicamente o normal para abril. Já não estávamos no inverno, mas ainda não era primavera. As árvores encontravam-se despidas, mas o ar era ameno. O céu estava cinzento, mas as tulipas começavam a despontar. A luz era pálida, mas o lago azul-índigo, que serpenteava os jardins, refulgia.

Que bonito é tudo isto, pensei. E que triste, também.

Esta esteve para ser a minha casa, para toda a vida. Em vez disso, revelou-se apenas mais uma morada temporária.

Quando a minha mulher e eu fugimos deste local, temendo pela nossa saúde mental e física, não tinha a certeza se alguma vez regressaria. Foi em janeiro de 2020. Agora, passados quinze meses, aqui estou, dias depois de ter acordado com trinta e duas chamadas não atendidas e de uma conversa curta e emotiva com a Avó: *Harry... o Avô morreu*.

O vento começou a soprar mais forte, ficou mais frio. Encolhi os ombros e tentei aquecer os braços esfregando-os, arrependido de ter vestido uma camisa branca tão fina. Desejei não ter mudado de roupa depois do funeral. Quem me dera ter pensado em vestir um casaco. Virei as costas ao vento e vi, assomando atrás de mim, a ruína gótica, que na verdade tem tanto de gótico quanto a Roda do Milénio. Um arquiteto espertalhão, um quê de encenação. Como acontece com muitas outras coisas por cá, pensei.

Afastei-me do muro e dirigi-me para um pequeno banco de madeira. Sentei-me e olhei de novo para o telemóvel enquanto espreitava o acesso ao jardim.

Onde estarão eles?

Outra rajada de vento. Engraçado, lembrou-me o Avô. Talvez a sua postura intempestiva. Ou o seu sentido de humor gélido. Lembrei-me de um fim de semana de caça há alguns anos. Um amigo, tentando fazer conversa, perguntou ao Avô o que achava da minha barba, que desencadeou preocupação na família e controvérsia na imprensa. A *Rainha Deve Obrigar o Príncipe Harry a Fazer a Barba?* O Avô olhou para o meu amigo, olhou para o meu queixo e brindou-nos com um sorriso encantador. *ISTO não é uma barba!*

Rimo-nos todos. Ter ou não barba era a questão, mas para o Avô uma barba decente consistia em ter uma barba *farta*. *Deixa crescer umas cerdas sumptuosas de Viking, caramba!*

Lembrei-me do caráter opinioso do Avô, das suas muitas paixões: a atrelagem, o churrasco, a caça, comer, beber cerveja. A maneira como ele abraçou a vida. Tinha isso em comum com a minha mãe. Talvez tenha sido por isso que gostava tanto dela. Muito antes de ela ser a princesa Diana, quando era ainda, apenas, Diana Spencer, educadora de infância, namorada secreta do príncipe Carlos, o meu Avô era o seu maior defensor. Algumas pessoas dizem que foi ele quem arranjou o casamento dos meus pais. A ter sido realmente o caso, pode argumentar-se que o Avô foi a causa primeira da minha existência. Mas, por ele, eu não estaria aqui.

Tão-pouco o meu irmão mais velho.

Por outro lado, talvez a nossa mãe *estivesse* aqui. Se não tivesse casado com o Pai...

Recordo-me de uma conversa recente, só eu e o Avô, pouco depois de ele ter completado noventa e sete anos. Estava a pensar no final da vida. Já não tinha condições para continuar a fazer aquilo que o apaixonava verdadeiramente, disse-me. E, todavia, aquilo de que sentia mais falta era do trabalho. Sem o trabalho, disse, tudo cai por terra. Não parecia estar triste, apenas preparado. *Temos de saber quando chegou a hora de nos afastarmos, Harry.*

Agora olho para longe, em direção ao pequeno horizonte de criptas e monumentos ao lado de Frogmore. O Cemitério Real. Última morada de muitos de nós, incluindo a rainha Vitória. E, também, da famigerada

Wallis Simpson. E, também, do seu duplamente famigerado marido, Eduardo, o outrora rei Eduardo VIII, meu tio-bisavô. Depois de ter abdicado do trono para casar com Wallis, depois de ambos terem deixado a Grã-Bretanha, um e outro afadigaram-se para assegurar o seu derradeiro regresso a este local: ambos estavam obcecados por serem sepultados precisamente neste local. A rainha, a Avó, deferiu o pedido que lhe endereçaram. Mas mandou que fossem enterrados longe de todos os outros, debaixo de um plátano com o tronco inclinado. O derradeiro gesto de reprovação, talvez. O derradeiro exílio, talvez. Pergunto-me se Wallis e Eduardo ainda sentirão que valeu a pena todo o afã. Afinal, que importância tem? Pergunto-me se alguma vez fizeram esta pergunta a si mesmos. Pairam no espaço sideral e ainda ponderam acerca das suas escolhas, ou não estão em lugar algum e não pensam em nada? Existirá algo além desta realidade? Será que a consciência, tal como o nosso tempo de vida, tem um fim? Ou talvez, pensei, apenas talvez, ambos estejam aqui neste momento, ao lado da falsa ruína gótica, ou ao meu lado, a ouvir os meus pensamentos. E, nesse caso, *talvez a minha mãe também esteja*.

Como sempre, pensar nela deu-me uma descarga de esperança e encheu-me de energia.

E de uma pontada de tristeza.

Sinto a falta da minha mãe todos os dias, mas naquele dia, à beira de um ataque de nervos por causa do encontro em Frogmore, dei por mim a sentir saudades dela sem saber porquê. Como tantas coisas nela, era difícil descrevê-la por palavras.

Embora a minha mãe fosse uma princesa, batizada com o nome de uma deusa, ambas as designações sempre me pareceram insuficientes, inadequadas para a descrever. As pessoas costumavam compará-la a figuras icónicas e a santos, desde Nelson Mandela à Madre Teresa de Calcutá e Joana d'Arc, mas todas essas comparações, embora elevadas e amáveis, também pareciam equivocadas. A mulher mais conhecida do planeta, uma das pessoas mais amadas do mundo, a minha mãe era simplesmente indescritível, esta é a mais pura verdade. E, no entanto, como podia alguém cuja personalidade transcendia a linguagem do quotidiano permanecer tão real, estar tão palpavelmente presente, tão estranhamente vívida na minha mente? Como era possível que conseguisse vê-la de uma forma tão nítida, como o cisne que nadava no lago índigo e se dirigia para mim? Como é que ainda conseguia ouvir a sua gargalhada, tão alta como o canto dos

pássaros pousados nas árvores sem folhas? Há muita coisa de que não me lembro porque era muito novo quando ela morreu, mas o milagre maior é tudo o que não esqueci. O seu sorriso devastador, os seus olhos vulneráveis, o seu amor infantil pelos filmes e pela música e pela roupa e pelos doces — e por nós. Ah, como me amava e ao meu irmão! *Obsessivamente*, confessou certa vez numa entrevista.

Bem, Mamã... era recíproco.

Talvez ela fosse omnipresente pela mesma razão que a tornava indescritível: ela era luz, uma luz pura e radiante, e como se pode descrever a luz? Até Einstein teve dificuldade em fazê-lo. Recentemente, os astrónomos reposicionaram os seus maiores telescópios, apontaram-nos para uma pequena fenda no cosmos e conseguiram vislumbrar uma esfera deslumbrante a que deram o nome de Earendel, um termo do inglês antigo que significa Estrela da Manhã. A milhares de milhões de anos-luz da nossa galáxia, e provavelmente desaparecido há muito, Earendel está mais próximo do Big Bang, o momento da criação, do que da nossa Via Láctea; e, no entanto, é de alguma forma visível aos olhos dos mortais graças à sua luz imensa e fascinante.

A minha mãe também era *assim*.

É por este motivo que consigo vê-la e senti-la, sempre, mas de um modo especial naquela tarde de abril em Frogmore.

Por isso — e porque levava a sua bandeira. Fui ali, àqueles jardins, porque queria paz. Queria-a mais do que tudo. Queria-a para o bem da minha família e para o meu próprio bem — e também por ela.

As pessoas esquecem-se do quanto a minha mãe lutou pela paz. Cruzou o globo várias vezes, visitou campos minados, abraçou doentes de SIDA, consolou órfãos de guerra, sempre trabalhou para trazer a paz a alguém algures, e eu sabia o quanto desesperadamente iria querer — não, queria — que houvesse a paz entre os seus meninos, e entre nós dois e o Pai. E entre toda a família.

Os Windsor guerrearam-se durante meses. A discórdia minava as nossas fileiras, com frequência, desde há séculos, mas desta vez era diferente. Tratava-se de uma rutura pública em grande escala e ameaçava tornar-se irreparável. Portanto, embora tenha regressado ao meu país de propósito e apenas para o funeral do Avô, uma vez aí pedi para ter este encontro secreto com o meu irmão mais velho, Willy, e o Pai para falarmos acerca da situação.

Para encontrarmos uma saída.

Mas, naquele momento, olhei uma vez mais para o meu telemóvel e para o acesso ao jardim e pensei: podem ter mudado de ideias. Talvez não apareçam.

Durante meio segundo coloquei a hipótese de desistir, de ir dar um passeio pelos jardins sozinho ou voltar para a casa onde todos os meus primos estavam a beber e a partilhar histórias do Avô.

Depois, por fim, avistei-os. Lado a lado, caminhando a passos largos na minha direção, tinham um ar sério, quase ameaçador. Mais, pareciam demasiado alinhados. Senti um nó no estômago. Normalmente brigam por tudo e por nada, mas naquele momento pareciam estar em sincronia — juntos numa aliança.

Ocorreu-me este pensamento: espera aí, vamos encontrar-nos para um passeio... ou para um duelo? Levantei-me do banco de madeira, tentei dar o primeiro passo na direção deles, esbocei um sorriso. Eles não sorriram. Agora, o meu coração começou a bater descompassado no peito. Respira fundo, disse para mim.

Além do medo, sentia uma espécie de constrangimento e uma vulnerabilidade enorme e intensa, que já tinha experimentado noutros momentos importantes da minha vida.

Ao caminhar atrás do caixão da Mamã.

Ao ir para o campo de batalha pela primeira vez.

Ao fazer um discurso com um ataque de pânico.

Havia nisto a mesma sensação de embarcar numa missão sem saber se estava à altura e ter a consciência de que não podia voltar atrás. Que era fatal como o destino.

Okay, Mamã, pensei, acelerando o passo, cá vai. Deseja-me sorte.

Encontramo-nos a meio do caminho. *Willy?* *Pai?* *Olá.*

Harold.

Dolorosamente tíbio.

Voltámo-nos, ficámos lado a lado e caminhámos pela gravilha em direção à pequena ponte de pedra.

O modo como simplesmente nos alinhámos em sincronia, como, sem falar, demos os mesmos passos comedidos e avançámos cabisbaixos, assim como a proximidade de todas aquelas sepulturas — como seria possível alguém não se lembrar do funeral da Mamã? Disse para mim que não pensasse nisso e, ao invés, que pensasse no som agradável dos nossos

passos e no modo como as nossas palavras desapareciam como fiapos de fumo ao vento.

Como britânicos, como Windsor, começámos por conversar casualmente acerca do tempo. Trocámos impressões sobre o funeral do Avô. Ele tinha planeado tudo, ao mais ínfimo pormenor, recordámos com sorrisos pesarosos.

Conversa de circunstância. Deveras. Abordámos todos os assuntos secundários e continuei à espera que passássemos ao mais importante, perguntando-me porque demorava tanto e também como era possível o meu pai e o meu irmão parecerem tão calmos.

Olhei em volta. Tínhamos andado bastante e estávamos mesmo a meio do Cemitério Real, com mais corpos à altura dos tornozelos do que o príncipe Hamlet. Agora que penso nisso... eu também não pedi para ser enterrado neste local? Horas antes de ter ido para a guerra, o meu secretário particular disse-me que tinha de escolher o local onde os meus restos mortais deviam ser depositados. *No caso de acontecer o pior, Vossa Alteza Real... pois a guerra é algo incerto...*

Havia várias opções. A Capela de São Jorge? A Cripta Real do Castelo de Windsor, onde o Avô estava a ser sepultado naquele momento?

Não, eu escolhi este lugar porque os jardins são bonitos e parece um local pacífico.

Com os pés quase em cima do rosto de Wallis Simpson, o Pai deu início a uma micropalestra sobre este personagem aqui, o primo da realeza ali, todos os duques e duquesas outrora eminentes, os lordes e as *ladies* que agora residem sob o relvado. Estudioso de História ao longo de toda a vida, o Pai tem muita informação para partilhar, e comecei a pensar se iríamos ficar ali durante horas e no final teríamos de fazer um teste. Felizmente, ele parou de falar e seguimos o nosso caminho pela relva junto ao lago, até chegarmos a um pequeno canteiro de bonitos narcisos.

Foi aí que, por fim, que fomos diretos ao assunto.

Tentei explicar o meu lado da situação. Não me encontrava no meu melhor. Primeiro, porque ainda estava nervoso, lutando para controlar as emoções enquanto me esforçava por ser sucinto e preciso. Além disso, tinha prometido que não iria deixar que o encontro resvalasse para outra discussão. No entanto, não tardei a descobrir que isso não dependia de mim. O Pai e Willy tinham os respetivos papéis a desempenhar e estavam prontos para a luta. Sempre que eu ousava uma nova explicação, iniciava

outra linha de raciocínio, um deles, ou ambos, impediam-me de prosseguir. Willy, em particular, não queria ouvir o que eu tinha para dizer. Depois de me ter interrompido várias vezes começámos a provocar-nos, repetindo algumas das coisas que dissemos durante meses — durante anos. A discussão foi de tal modo acalorada que o Pai ergueu os braços. *Já chega!*

Colocou-se entre nós, a olhar para os nossos rostos afogueados, e disse: *Por favor, rapazes... não transformem os meus últimos anos de vida numa tormenta.*

A sua voz soou rouca, frágil. Para ser honesto, parecia a voz de um velho.

Pensei no Avô.

De repente, algo mudou dentro de mim. Olhei para Willy, olhei realmente para ele, talvez pela primeira vez desde que éramos pequenos. Assimilei tudo: a sua carranca que conheço bem, pois sempre recorreu a ela para lidar comigo; a sua calvície preocupante, mais avançada do que a minha; a sua famosa parecença com Mamã, que começou a desaparecer com o tempo. Com a idade. Ele era o meu espelho em alguns aspectos, e noutras o meu oposto. O meu irmão adorado, o meu arqui-inimigo, como é que isto aconteceu?

Sentia-me demasiado cansado. Queria ir para casa, e apercebi-me de quão complicado se tornou o conceito de casa para mim. Ou talvez o tenha sido sempre. Apontei para os jardins, para a cidade além destes, o país, e disse: *Willy, isto era suposto ser a nossa casa. Iamos viver aqui o resto das nossas vidas.*

Tu foste embora, Harold.

Sim... e sabes porquê.

Não sei.

Tu... não sabes?

Sinceramente, não.

Inclinei-me para trás. Não podia acreditar no que ouvia. Uma coisa era não concordarmos acerca de quem foi o culpado ou como tudo poderia ter sido diferente, mas ele alegar o total desconhecimento das razões que me levaram a fugir da terra onde nasci — a terra por que lutei e pela qual estava preparado para morrer — a minha Matria. Esta expressão preocupante. Alegar não saber porque é que eu e a minha mulher tomámos a decisão drástica de pegar no nosso filho e fugir dali a sete pés, deixando tudo para trás — a casa, os amigos, os nossos bens? A sério?

Olhei para cima, para as árvores: *Tu não sabes!*

Harold... Sinceramente, não.

Voltei-me para o Pai. Ele olhava para mim com uma expressão que parecia significar: *Eu também não sei.*

Uau, pensei. Talvez não saibam mesmo.

Assombroso. Mas talvez fosse verdade.

E se eles não sabiam porque fugi, talvez simplesmente não me conhecessem. De todo.

E talvez nunca me tenham conhecido na realidade.

Este pensamento fez-me sentir ainda mais frio e terrivelmente só.

Mas também me animou. Pensei: *Tenho de lhes contar.*

Como posso contar-lhes?

Não posso. Levaria muito tempo.

Além disso, não há dúvida de que eles não estão com disposição de espírito para me ouvirem.

Pelo menos, não agora. Não hoje.

Por isso:

Pai? Willy?

Mundo?

Aqui está.

parte 1 da noite escura que me cobre



1.

SEMPRE HOUVE HISTÓRIAS.

De vez em quando, as pessoas falavam acerca das que não se saíram bem em Balmoral. Uma rainha de outros tempos, por exemplo. Enlouquecida pelo desgosto do luto, enclausurou-se no Castelo de Balmoral e jurou nunca mais sair. E o muito respeitado ex-primeiro-ministro: disse que o local era «surreal» e «demasiado esquisito».

Ainda assim, acho que só ouvi estas histórias muito mais tarde. Ou talvez as tenha ouvido, mas não as memorizei. Para mim, Balmoral sempre foi o paraíso. Um cruzamento entre a Disney World e um bosque sagrado de dríuidas. Eu estava sempre muito ocupado a pescar, a caçar, a subir e a descer «a colina» a correr para me aperceber do desequilíbrio existente no *feng shui* do antigo castelo.

O que estou a tentar dizer é que fui feliz ali.

Com efeito, é possível que nunca tenha sido mais feliz do que naquele dia soalheiro de verão em Balmoral: 30 de agosto de 1997.

Estávamos no castelo há uma semana. O plano era ficar outra. Tal como tinha acontecido no ano anterior e no ano antes desse. Balmoral correspondia a uma microtemporada: um interlúdio de duas semanas nas Terras Altas da Escócia para assinalar a passagem do pico do verão para o início do outono.

A Avó também lá estava. Naturalmente. Ela passava grande parte do verão em Balmoral. O Avô também. E Willy. E o Pai. Toda a família exceto a Mamã, porque a Mamã tinha deixado de fazer parte da família. Fugiu ou foi expulsa, consoante a quem se perguntasse, embora eu nunca tenha perguntado a ninguém. De qualquer modo, ela estava a passar férias noutro lugar. Na Grécia, dizia um. Não, na Sardenha, de acordo com outro. Não, não, atalhou outra pessoa, a tua mãe está em Paris! Talvez tenha sido a Mamã quem o disse. Quando ligou mais cedo nesse dia para conversarmos?

Infelizmente, essa memória encontra-se, com milhentas outras, do outro lado de uma parede mental altíssima. É uma sensação horrível e tentadora saber que estão ali, do outro lado, a poucos centímetros de distância — mas a parede é sempre demasiado alta, muito espessa. Impossível de escalar.

Não muito diferente dos torreões de Balmoral.

Onde quer que a Mamã estivesse, eu sabia que estava com o seu novo *amigo*. Era esta a palavra que todos usavam. Nem namorado, nem amante. Amigo. Um tipo simpático, pensei. Willy e eu tínhamo-lo conhecido há pouco tempo. Na verdade, semanas antes estávamos com a Mamã quando *ela* o conheceu, em Saint-Tropez. Estávamos a divertir-nos muito, apenas os três, na casa de campo de um cavalheiro idoso. Havia muitas gargalhadas, muita brincadeira, o habitual sempre que a Mamã, Willy e eu estávamos juntos, mas nessas férias ainda mais. Tudo, nessa viagem a Saint-Tropez, foi divino. O tempo esteve sublime, a comida era deliciosa, a Mamã sorria.

O melhor de tudo era que havia motas de água.

De quem eram? Não sei. Mas lembro-me bem de Willy e eu irmos nelas até à parte mais profunda do canal, descrevendo círculos enquanto esperávamos a chegada dos grandes *ferries*. Aproveitávamos as suas enormes esteiras como rampas de propulsão. Não sei como não morremos.

Terá sido depois de regressarmos da nossa desventura com as motas de água que o amigo da Mamã apareceu pela primeira vez? Não, o mais provável é que tenha sido antes. Olá, tu deves ser o Harry. Cabelo preto asa de corvo, bronzeado coriáceo, sorriso branco como o marfim. Como estás? Eu chamo-me blá blá. Conversou connosco, conversou com a Mamã. Em concreto com a Mamã. Intencionalmente com a Mamã. Os seus olhos transformaram-se em dois corações vermelhos.

Não havia dúvida de que era atrevido. Mas também simpático. Deu um presente à Mamã. Uma pulseira de diamantes. Ela pareceu gostar. Usou-a muitas vezes. Depois ele desapareceu do meu consciente.

Desde que a Mamã esteja feliz, comentei com Willy, que disse que era da mesma opinião.

2.

MUDAR DA ENSOLARADA SAINT-TROPEZ para o céu carregado de nuvens de Balmoral provoca um choque no organismo. Lembro-me vagamente desse choque, embora não guarde muitas recordações da primeira semana que passámos no castelo. Ainda assim, quase posso garantir que passámos quase todo o tempo ao ar livre. A minha família aprecia estar ao ar livre, em particular a Avó, que ficava zangada se não respirava, pelo menos, uma hora de ar fresco por dia. Todavia, o que fazíamos no exterior do castelo, o que falávamos, vestíamos, comíamos, isso não sei dizer. Há relatos de que viajámos no iate real da ilha de Wight até ao castelo, naquela que foi última viagem do iate. Parece-me maravilhoso.

Do que me recordo com nitidez é do espaço físico. Os bosques densos. A colina mordiscada pelos veados. O rio Dee que serpenteia pelas Terras Altas. O Lochnagar pairando lá em cima, eternamente salpicado de neve. Paisagem, geografia, arquitetura, é assim que a minha memória funciona. Datas? Lamento, mas vou ter de confirmar. Diálogo? Tentarei o meu melhor mas não farei citações textuais, em particular no que diz respeito à década de 1990. Mas pergunttem-me em que espaço me encontrava — castelo, *cockpit*, sala de aula, camarote, quarto de dormir, palácio, jardim, *pub* — e até consigo descrever os pregos da alcatifa.

Porque é que a minha memória organiza as experiências deste modo? É uma questão genética? Trauma? Uma combinação de ambas à maneira de Frankenstein? É o meu soldado interior que escrutina cada espaço como um potencial campo de batalha? É a minha natureza caseira inata a rebelar-se contra uma existência nómada forçada? É uma apreensão básica de que o mundo é sobretudo um labirinto e que nunca se deve entrar num labirinto sem um mapa?

Seja qual for a causa, a minha memória é a minha memória, faz o que faz, recolhe e organiza a informação como bem entende, e há tanta verdade naquilo que recordo e como recordo como nos denominados factos objetivos. Coisas como cronologia e relações de causa-efeito, em geral não passam de histórias que contamos a nós mesmos acerca do passado. *O passado nunca está morto. Nem sequer é passado.* Quando descobri esta citação há pouco tempo no BrainyQuote.com, fiquei estupefacto. Pensei: Quem *diabo* é Faulkner? E que relação tem com os Windsor?

E, assim: Balmoral. Fechando os olhos, consigo ver a entrada principal, as janelas da frente com painéis, o amplo pórtico e os três degraus de granito salpicado de cinzento e preto que dão para a enorme porta da frente de madeira de carvalho cor de *whisky*, que costuma ser sustentada com um grande seixo rolado e operada por um criado de casaca vermelha, e no interior o corredor espaçoso com o chão de pedra branco e azulejos em forma de estrela, e a enorme lareira com a sua bonita cornija de madeira escura com ornamentos embutidos, e de um lado uma espécie de área de serviço, e à esquerda, junto às janelas altas, ganchos para as canas de pesca, bastões para caminhadas, *waders* e impermeáveis pesados — muitos impermeáveis, porque o verão na Escócia pode ser frio e chuvoso mas neste recanto siberiano é cortante — e, a seguir, a porta de madeira castanho-claro que dá para o corredor com a carpete carmim e as paredes forradas com papel creme, um padrão de brocado dourado, em relevo como o braille, e as várias salas ao longo do corredor, cada uma com um propósito específico, como sala de estar ou sala de leitura, para ver televisão ou sala do chá, e uma sala especial para os pajens, muitos dos quais sempre tratei como velhos tios, e por fim a câmara principal do castelo, construída no século XIX, praticamente em cima de outro castelo que data do século XIV, a poucas gerações de distância de outro príncipe Harry que se exilou e depois regressou e arrasou tudo e todos os que lhe apareceram pela frente. Um antepassado afastado. Uma alma gémea, alegarão alguns. Quanto mais não seja, um meu homónimo. Nascido a 15 de setembro de 1984, fui batizado Henry Charles Albert David de Gales.

Mas desde o primeiro dia que todos me chamam Harry.

No centro desta câmara principal fica a grande escadaria. Deslumbrante, dramática, raramente usada. Sempre que a Avó subia para o seu quarto, no segundo andar, com os *corgis* a embrulharem-se nos pés, preferia usar o elevador.

Os *corgis* também o preferiam.

Junto ao elevador da Avó, depois de se atravessarem duas portas carmim de *saloon* e ao longo de um piso axadrezado verde, há uma pequena escada, com um pesado corrimão de ferro; também dá para o segundo andar, onde está uma estátua da rainha Vitória. Eu fazia uma vénia sempre que passava por ela. *Sua Majestade!* Willy fazia o mesmo. Disseram-nos para o fazer, mas eu tê-lo-ia feito na mesma. Eu achava a «Avó da Europa» imensamente fascinante, e não apenas porque a Avó a adorava ou porque

houve uma altura em que o Pai quis dar-me o nome do marido dela. (A Mamã impediu-o.) Vitória conheceu o grande amor, a verdadeira felicidade — mas a sua vida foi sobretudo trágica. Diz-se que o seu pai, o príncipe Eduardo, duque de Kent e Strathearn, era um sádico que se excitava sexualmente ao ver os soldados a serem chicoteados, e que o seu amado marido, Alberto, morreu diante dos seus olhos. Além disso, durante o seu longo e solitário reinado, foi baleada oito vezes por sete indivíduos distintos.

Nenhuma das balas atingiu o alvo. Nada poderia derrubar Vitória.

Para lá da estátua da rainha Vitória, as coisas começam a ser mais complicadas. As portas são todas iguais, os quartos comunicam uns com os outros. É fácil uma pessoa perder-se. Quem abrir a porta errada pode invadir o quarto do Pai enquanto o seu criado de quarto o ajuda a vestir-se. Pior, pode surpreendê-lo a fazer o pino. Este exercício foi-lhe prescrito pelo fisioterapeuta pessoal e é o único eficaz para as dores que tem constantemente no pescoço e nas costas. Sobretudo antigas lesões do polo. Faz o pino todos os dias, apenas de *boxers*, apoiado contra a porta ou pendurado numa barra como o mais habilidoso dos acrobatas. Basta colocar o dedo mindinho na maçaneta para o ouvir implorar lá dentro: *Não! Não! Não abra! Pelo amor de Deus não abra!*

Balmoral tinha cinquenta quartos, um dos quais foi dividido para mim e para Willy. Os adultos chamavam-lhe o berçário. Willy ficou com a metade maior, com uma cama de casal e um lavatório grande, um roupeiro com portas espelhadas, uma bonita janela que dava para o pátio lá em baixo, a fonte, a estátua de bronze de um veado imponente. A minha metade do quarto era muito mais pequena, menos luxuosa. Nunca perguntei porquê. Não me importei. Mas também não precisei de perguntar. Sendo dois anos mais velho do que eu, Willy era o herdeiro, ao passo que eu era o suplente.

Este não era apenas o modo como a imprensa se referia a nós — embora, definitivamente, fosse esse o caso. Eram os epítetos que o Pai, a Mamã e o Avô usavam com frequência. E até a Avó. O herdeiro e o suplente — não havia qualquer juízo de valor acerca disso, mas também nenhuma ambiguidade. Eu era a sombra, o suporte, o plano B. Vim ao mundo para o caso de algo acontecer a Willy. Fui convocado para dar apoio, distração, diversão e, se necessário, uma peça suplente. Um rim, por exemplo. Uma transfusão de sangue. Um pouco de medula óssea. Tudo isto ficou claro para mim de um modo explícito desde o início da jornada

que é a minha vida e regularmente reforçado. Tinha vinte anos quando ouvi pela primeira vez a história de que, alegadamente, o Pai disse à Mamã no dia do meu nascimento: *Maravilha! Agora que já me deu um herdeiro e um suplente, a minha missão está terminada.* Uma piada. Supostamente. Por outro lado, minutos depois de apresentar este seu número demasiado cômico, diz-se que o Pai foi encontrar-se com a sua namorada. Logo. Com a verdade me enganas.

Não levei a mal. Não senti nada acerca disso, de nada disso. A linha de sucessão é como o tempo, ou as posições dos planetas, ou a passagem das estações do ano. Quem tem tempo para se preocupar com coisas que não podem ser alteradas? Quem se dá ao trabalho de se incomodar com um destino gravado na pedra? Ser um Windsor significava descobrir as verdades intemporais e depois afastá-las do pensamento. Significava *absorver* os parâmetros básicos da identidade, saber por instinto quem se é, o que é para sempre um subproduto de quem não se é.

Eu não era a Avó.

Eu não era o Pai.

Eu não era Willy.

Eu era o terceiro na linha de sucessão ao trono atrás deles.

Todos os rapazes e raparigas imaginam, pelo menos uma vez, que são príncipes e princesas. Por isso, *suplente* ou não, não era de todo mau *ser* realmente um. Mais, apoiar irredutivelmente as pessoas que amamos não é a definição de honra?

De amor?

Como quando fazíamos a vénia ao passar pela rainha Vitória?

3.

AO LADO DO MEU QUARTO havia uma espécie de sala de estar redonda. Tinha uma mesa redonda, um espelho de parede, uma escrivaninha, uma lareira com uma soleira almofadada em volta. No canto mais afastado havia uma enorme porta de madeira que dava para uma casa de banho. Os dois lavabos de mármore pareciam protótipos dos primeiros lavatórios alguma vez fabricados. Tudo em Balmoral era antigo ou feito de maneira a parecê-lo. O castelo era um parque infantil, um pavilhão de caça, mas também um palco.

A casa de banho era dominada por uma banheira com pés, e até a água que saía das torneiras parecia antiga. No bom sentido. Antiga como o lago onde Merlin ajudou Artur a encontrar a sua espada mágica. Acastanhada, como um chá fraco, a água costumava alarmar os hóspedes do fim de semana. *Desculpe, mas parece que há um problema com a água na minha casa de banho.* O Pai respondia sempre com um sorriso e assegurava que não havia problema algum com a água; pelo contrário, era filtrada e edulcorada pela turfa escocesa. A água chega-nos diretamente da montanha, portanto aquilo que está prestes a experimentar é um dos maiores prazeres que se pode ter na vida... um banho das Terras Altas.

Consoante a preferência, o banho das Terras Altas podia ser gelado como o Ártico ou a ferver como a água da chaleira; todas as torneiras do castelo tinham estas duas temperaturas. Para mim, poucos prazeres se comparavam a um banho de imersão a escaldar, em particular quando podia fazê-lo enquanto olhava pelas janelas exíguas do castelo onde os arqueiros de outros tempos, imaginei, ficavam de guarda. Olhava para cima, para o céu estrelado, ou para baixo, para os jardins murados, e imaginava-me a pairar no grande relvado, tão suave e verde como uma mesa de bilhar, obra de um batalhão de jardineiros. A relva encontrava-se em tão perfeito estado, cada folha aparada com tanta precisão, que Willy e eu sentíamo-nos culpados por pisá-la, quanto mais andar de bicicleta ali. Mas claro que o fazíamos, a toda a hora. Certa vez, perseguimos a nossa prima pela relva. Nós de moto-quatro, ela num *kart*. Foi tudo muito divertido e engracado até que ela embateu de frente num candeeiro verde. Teve muito azar — era o único poste de luz que existia num raio de mil e quinhentos quilómetros. Rimos às gargalhadas, embora o poste, uma árvore numa das florestas vizinhas, se tenha partido ao meio e caído em cima da nossa prima. Teve muita sorte em não se ter magoado a sério.

A 30 de agosto de 1997, não passei muito tempo a olhar para a relva. Tanto Willy como eu apressámos o banho noturno, enfiámo-nos nos nossos pijamas e sentámo-nos, ansiosos, frente à televisão. Os criados entraram, trazendo bandejas cheias de pratos, tapados com campânulas de prata. Colocaram-nas em suportes de madeira, brincaram connosco, como sempre faziam, e a seguir desejaram-nos *bon appétit*.

Criados, porcelana de osso — parece um luxo, e suponho que era, mas por debaixo das sofisticadas campânulas o que havia era comida para crianças. Douradinhos, empadão, frango assado, ervilhas.

Mabel, a nossa ama que também foi ama do Pai, juntou-se a nós. Enquanto nos empanturrávamos, ouvimos o Pai a passar de chinelos, vindo do banho. Levava consigo o «sem fios», como chamava ao leitor de CD portátil, no qual ouvia os seus «livros» enquanto tomava um banho de imersão. O Pai era como um relógio, por isso quando o ouvimos no corredor sabíamos que deviam ser oito da noite.

Meia hora mais tarde, chegaram-nos os primeiros sons dos adultos que começavam a sua migração noturna para o andar de baixo, e depois o balir das primeiras notas das gaitas-de-foles que acompanhavam o serão. Durante as duas horas seguintes os adultos seriam mantidos em cativeiro na Masmorra de Jantar, forçados a sentar-se à volta da grande mesa, a semicerrar os olhos para se enxergarem uns aos outros à luz ténue dos candelabros desenhados pelo príncipe Alberto, a permanecer direitos como um fuso diante dos pratos de porcelana e dos copos de cristal colocados com uma precisão milimétrica pelos funcionários (que usam fitas métricas), a debicar ovos de codorniz e rodovalho, a alimentar a conversa fiada e ociosa enfiados no seu fato mais chique. *Smoking*, sapatos pretos, calças de xadrez escocês. Talvez até *kilts*.

Eu pensava: Que chatice ser adulto!

O Pai parou antes de descer para o jantar. Estava atrasado, mas levantou dramaticamente uma das campânulas de prata — *Nham, quem me dera comer isto!* — e inspirou fundo o cheiro da comida. O Pai estava sempre a cheirar tudo. A comida, as rosas, o nosso cabelo. Deve ter sido perdigueiro noutra vida. Talvez precisasse de o fazer porque era difícil cheirar o que quer que fosse devido ao seu perfume. *Eau Sauvage*. Ele encharcava-se de perfume nas bochechas, no pescoço e na camisa. Floral, com um toque de algo pungente, como pimenta ou pólvora, era fabricado em Paris. Era o que dizia no frasco. O que me fez pensar na Mamã.

Sim, Harry, a Mamã está em Paris.

O divórcio dos meus pais ficou concluído precisamente um ano antes. E quase naquele dia.

Portem-se bem, meninos.

Sim, Pai.

Não fiquem acordados até muito tarde.

Ele saiu. O seu perfume ficou.

Willy e eu acabámos de jantar, vimos mais um pouco de televisão e depois levantámo-nos para dar início às nossas travessuras habituais antes

de irmos dormir. Empoleirámo-nos no degrau mais alto de uma escadaria lateral para bisbilhotar os adultos, à espera de ouvir um palavrão ou uma história marota. Corremos de um lado para o outro ao longo dos corredores, sob o olhar vigilante de dezenas de cabeças de veado empalhadas. A determinada altura, demos de caras com o gaiteiro da Avó. Desgrenhado, redondo como uma pera, com sobrancelhas espessas e um *kilt* de *tweed*, ia sempre aonde a Avó fosse porque ela adorava o som das gaitas-de-foles, tal como Vitória, embora supostamente Alberto lhes chamassem «instrumentos horrendos». Durante esse verão em Balmoral, a Avó pediu ao gaiteiro que tocasse para ela ao acordar e durante o jantar.

O seu instrumento parecia um polvo bêbado, exceto os braços que eram de mogno escuro e gravados a prata. Já a tínhamos visto muitas vezes, mas naquela noite o gaiteiro deixou-nos pegar nela. E experimentá-la.

A sério?

Sim, vá.

Não conseguimos extrair qualquer som dos foles além de uns guinchos insignificantes. Não tínhamos o fôlego necessário. O gaiteiro, porém, tinha o tórax do tamanho de um barril de *whisky*. Ele conseguiu fazer o seu instrumento gemer e gritar.

Agradecemos-lhe a aula, demos-lhe as *boas-noites* e regressámos ao nosso quarto, onde Mabel supervisionava se lavávamos bem os dentes e a cara. A seguir, cama.

A minha cama era alta. Tive de saltar e a seguir rolei para o meio, mais fundo. Parecia que estava a trepar uma estante para depois cair numa trincheira. A roupa de cama estava impecável, imaculada, nos seus vários tons de branco. Lençóis cor de alabastro. Cobertores creme. Colchas casca de ovo. (Quase todos marcados com ER, *Elizabeth Regina*.) Tudo era esticado como a pele de um tambor, tão habilmente alisado que era fácil identificar os remendos e os rasgões seculares.

Puxei os lençóis e as cobertas até ao queixo porque não gostava do escuro. Não, não é verdade, detestava o escuro. A Mamã também, foi o que me disse. Acho que herdei isso dela, assim como o nariz, os olhos azuis, o amor pelas pessoas, o ódio pela presunção e falsidade e tudo quanto é snobe. Vejo-me debaixo daquelas cobertas, com o olhar fixo no escuro e a ouvir o zumbido dos insetos e o piar das corujas. Imaginei sombras a deslizar pelas paredes? Fixei o olhar no feixe de luz ao longo do chão que sempre esteve lá porque eu insistia para que a porta ficasse entreaberta?

Quanto tempo demorei a adormecer? Por outras palavras, quanto da minha infância permaneceu, e quanto a apreciei, saboreei, antes de, sonolento, tomar consciência de...

Pai?

Ele estava de pé ao lado da cama, a olhar para baixo. O roupão branco fazia com que me parecesse um fantasma numa peça de teatro.

Sim, meu querido.

Esboçou um sorriso e desviou o olhar.

O quarto já não estava escuro. Também não estava iluminado. Era uma penumbra estranha, quase acastanhada, quase como a água na banheira antiga.

Ele olhou para mim de uma maneira esquisita, de uma maneira como nunca tinha olhado para mim. Com... medo?

O que se passa, Pai?

Ele sentou-se na beira da cama. Pôs a mão no meu joelho. *Meu querido, a Mamã teve um acidente de carro.*

Lembro-me de pensar: Acidente... Okay. Mas ela está bem? Não está?

Lembro-me com nitidez desse pensamento a passar-me pela cabeça. E lembro-me de esperar pacientemente que o Pai confirmasse que de facto a Mamã estava bem. E lembro-me de que não foi isso que fez.

Depois, algo mudou dentro de mim. Comecei a implorar ao Pai, ou a Deus, ou a ambos: *Não, não, não.*

O Pai olhou para as dobras das colchas antigas, dos cobertores e dos lençóis. *Houve complicações. A Mamã ficou gravemente ferida e foi levada para o hospital, meu querido.*

Ele costumava chamar-me «meu querido», mas agora estava a repetir demasiadas vezes. A sua voz era suave. Parecia que estava em choque.

Ah. Hospital?

Sim. Com um ferimento na cabeça.

Ele mencionou os *paparazzi*? Disse que ela tinha sido perseguida? Não creio. Não o posso afiançar, mas provavelmente não. Escusado será dizer que os *paparazzi* eram um grande problema para a Mamã, para todos.

Pensei de novo: Ferida... mas está bem. Foi levada para o hospital, os médicos vão tratar-lhe a cabeça e nós vamos visitá-la. Hoje. Esta noite, o mais tardar.

Os médicos tentaram, meu querido. Infelizmente, ela não resistiu.



penguinlivros.pt

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

[editoraobjectiva](https://www.facebook.com/editoraobjectiva)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN 9789897846250



9 789897 846250 >


OBJECTIVA